O BARÃO DE STUDART (*) 1856-1938

PE. E. FRIDERICHS S. J.

Transitava outrora, nas ruas de Fortaleza, de raro em raro, em passo trôpego, um ancião baixo, de fraque e cartola, apoiado em uma bengala.

A cidade tôda o conhecia e com o máximo respeito o tratava por Barão de Studart.

O insigne varão, de nome Guilherme Studart, nascido a 5 de janeiro de 1856, em Fortaleza, foi uma das glórias mais vivas do Ceará, sua terra natal. (Pág. 9).

Embora êle não se tenha destacado como clínico, cirurgião ou pesquisador no campo da Medicina, dirigindo, por uma questão de feitio e predileção pessoal, suas pesquisas para a esfera da história do Ceará e do Brasil, resolvemos contudo incorporá-lo na nossa seriação, por ter pertencido à classe médica, classe que êle soube honrar tanto pelo seu saber em Medicina como pela vastidão de sua cultura geral, aureolando-se de um prestígio como raras vêzes uma pessoa de grandes méritos em sua cidade de origem.

Diplomando-se em Medicina aos 21 anos, volta para o Ceará. Depara-se-lhe, ao pisar a terra, a grande sêca de 1877 e com ela o seu cortejo de misérias. A varíola campeava em tôda a zona flagelada.

(*) Os dados para esta biografia foram colhidos exclusivamente no Boletim do "Instituto do Ceará", que publicou um número especial, dedicado ao Barão de Studart, enfeixando os "Anais dos Festejos Comemorativos do 1.º Centenário de Nascimento do seu Fundador". — Sendo, pois, esta a única fonte fornecedora de material, para simplificar, indicarei entre parêntese, tão-sòmente o número da página donde extraí a parte em questão.

Deixo consignados aqui também meus especiais agradecimentos ao ilustre General Dr. Carlos Studart e ao Rev. P. Aloísio Furtado S. J., que me possibilitaram a aquisição do precioso material.

Ei-lo valente e destemido, enfrentando o mal, socorrendo as vítimas. Transporta-se para Maranguape, onde acampa, para melhor servir os que padeciam. A tal ponto chegou sua dedicação pelos variolosos que um amigo, receoso do que lhe pudesse acontecer, escreve à madrasta do jovem médico: "Está cometendo verdadeiras loucuras, esquece-se da família, mata-se de fadiga no abarracamento." Era o espírito cristão que predominava. Era a caridade que lhe transbordava a flux do coração magnânimo e bom. (Pág. 32.)

A Santa Casa de Misericórdia deveu-lhe grandes serviços como médico e como membro da sua direção. Ademais teve vultosa clientela particular e fêz nome como clínico.

Oscar Freire, ao perfilar o médico de família, diz: "Cheio de bonomia, e tolerância, confiante e alegre, de uma alegria plácida, tranqüila e tão igual que a sua equanimidade se refletia até na constância do trajar.

Era um símbolo da bondade e da confiança da medicina que a gente não compreendia uma sem a outra."

Eram assim os médicos de outrora. Até a severidade do trajar infundia confiança e respeito. Assim era o Dr. Guilherme Studart.

Não se limitava só à clínica. Espírito irrequieto, próprio dos investigadores, procurava meios de engrandecer a terra, a que tanto queria. Fundou o Instituto Pasteur, de que foi diretor.

Diretor igualmente da Faculdade de Farmácia e Odontologia. E ao perceber que a lepra, sorrateiramente, se insinuava entre as populações, como meio profilático começou a construir uma leprosaria.

Aproveitando a idéia do Dr. Duarte Pimentel de congregar a classe em sociedade, pediu o apoio dos médicos e, juntos, fundaram esta entidade, o Centro Médico, de que foi o primeiro presidente.

Deu-lhe assistência, presidindo-lhe as sessões ou assistindo a elas, já com sacrifício, até quando percebeu que a plantinha enraizara e começou a florescer. Escreveu sôbre a lepra, difteria, tuberculose, mortalidade infantil em Fortaleza, climatologia, epidemias e endemias do Ceará etc. Fêz conferências de grande alcance social nos círculos operários sôbre o alcoolismo e a tuberculose. Foi médico na acepção larga da palavra.

O VICENTINO

Bem môço ainda, quando os prazeres e as ilusões da vida costumam povoar de sonhos a nossa mente, numa época em que a filosofia do materialismo se tornara moda e os estudantes das escolas superiores vaidosamente faziam profissão de ateísmo ou positivismo, postados no pedestal de uma ciência falsa, Guilherme Studart, acadêmico de Medicina na Bahia, com 20 anos de idade, ingressava em 27 de dezembro de 1876 na Sociedade de São Vicente de Paulo, ao instalar-se, em Salvador, a Conferência de São José, a primeira na província e a décima terceira no Brasil.

Manifestou-se, assim, prematuramente o domínio de sua conduta. Demonstrou saber orientar a sua razão, conduzir-se com aprumo na vida e raciocinar com a consciência esclarecida dos que temem e amam a Deus.

A companhia de colegas descrentes e fátuos da Academia, preferiu sentar-se em tôsco banco da Conferência de São José, ao lado do seu primeiro vice-presidente, Manuel Vitorino Pereira, que depois tanto honrou a Medicina pátria e foi um dos maiores e mais sábios cirurgiões do seu tempo. (Sua biografia se acha inclusa neste volume.)

Qual terá sido a ação de Guilherme Studart no seio daquela conferência só Deus e os pobres por êle socorridos poderiam dizer. O certo é que foi um vicentino modêlo em dedicação, atividade e espírito de caridade, já naquela época.

A 4 de fevereiro de 1883, foi admitido como confrade na Conferência de Fortaleza. Dois anos após, em 4 de abril de 1885, acha-se investido no cargo de primeiro secretário do Conselho Central do Ceará, sendo depois, em 8 de junho de 1889, eleito seu presidente.

A Providência Divina o escolhera para arraigar firmemente no Ceará a árvore bendita plantada por Frederico Ozanam.

Foi sob a sua orientação que a Sociedade de São Vicente de Paulo, no Ceará, melhor se desenvolveu e realizou a sua finalidade. Durante a sua gestão à frente da Sociedade Vicentina foram fundados no Ceará dois Conselhos Centrais, 56 Conselhos Particulares e 319 Conferências.

O Barão vivia conquistando corações para Deus e procurando santificar todos os seus atos. Na vida prática cotidiana dêsse seu grande ideal, nenhum esfôrço era-lhe demasiado estrênuo e, de propósito, encetava, muitas vêzes, sua marcha para os tugúrios dos pobres nos bairros mais distantes da cidade, à frente de confrades tíbios, a fim de dar-lhes, com tão salutar exemplo, novas fôrças, coragem nova para a continuação da nobre missão que os prendia e irmanava.

Agia com tal doçura e mansidão que conquistava fàcilmente almas e corações. A sua alegria, quando se achava no meio vicentino, era visível e tornava-o cada vez mais atraente. E disto êle se aproveitava para fazer sentir a todos o seu desejo de vê-los se amarem uns aos outros como verdadeiros irmãos. Nas suas falas aos vicentinos, que orçam em 126 só em assembléias gerais, fazia ressaltar o esplendor e a pureza das suas idéias, o brilho dos seus ensinamentos, o ardor e fortaleza de sua fé.

Nessas ocasiões dirigia-lhes palavras sóbrias e sábias sôbre os seus deveres de confrades e, com tão eloqüentes exortações, tocava-lhes, como ninguém, nas cordas mais sensíveis dos seus corações, tornando-o mais ardentes e inflamados pela caridade evangélica.

Era essa, em largos traços, a sua atitude diante dos confrades.

SUA AÇÃO NO MEIO DOS POBRES

Amava os pobres deveras, e o seu amor transparecia na jucundidade que, no momento das visitas semanais, emoldurava-lhe o semblante.

Nenhum gesto de enfado ou sensação de asco afastava-o do pobre, em quem via sempre o próprio Cristo e com quem prazerosamente repartia uma porção dos recursos dos seus trabalhos.

Confortava os corações dos tristes com expressões carinhosas e consoladoras, emanadas da sua alma bondosa, e mitigava a fome do necessitado com a caridade que lhe transbordava do coração.

Em bem da melhoria dos deserdados da fortuna e dos sofredores tudo fazia, nada o detinha. Dava-lhes a compreender que "a pobreza não era uma mancha, como pensavam, e sim uma dádiva de Deus, porquanto nós éramos sòmente aquilo que representávamos aos olhos do Supremo Criador".

Com tais palavras que atuavam como bálsamo nos corações chagados pelo sofrimento, os pobres se sentiam reviver.

Nessas ocasiões êle procurava transfundir-lhes a sã doutrina, pregando, com singeleza de expressões, os encantos e as consolações da caridade.

Por isso a sua visita semanal aos necessitados era sempre ansiosamente aguardada, e assemelhava-se para os pobres a um raio quente e brilhante de sol que penetrasse nas humildes enxêrgas, a uma mensagem de alívio que lhes iluminava a alma e lhes diluía os sofrimentos.

A esmola material distribuída cristãmente, as consolações espirituais balsâmicamente derramadas, as lágrimas ocultamente estancadas e as dores carinhosamente lenidas pelo saudoso Barão de Studart, durante os dilatados anos de sua vida vicentina, jamais poderão ser devidamente estimadas. São oceanos de bênçãos celestes caídas sôbre a nossa sociedade.

O seu coração, sempre aberto à caridade, lhe segredava, nas horas de meditação, que só por meio do amor os homens podem alcançar a verdadeira felicidade, e por isso o levava a demonstrar, por palavras e atos, os sentimentos de que se achava possuído para com o próximo.

Foram êsses sentimentos, foi êsse seu amor ao pobre, foi a sua grande fé, a sua crença na Onipotência Divina, que lhe deram luz e fôrças para realizar a obra de invulgar vulto que executou na Sociedade de São Vicente de Paulo.

Abroquelado a êsses sentimentos cristãos, jamais reclamou contra o pêso do trabalho que o seu cargo lhe impunha e assim viveu uma vida útil, de paz e de ventura, que foi a consolação de sua velhice

honrada, a mais rica jóia do espólio legado aos seus descendentes, o melhor e o mais belo exemplo de honestidade e nobreza d'alma deixado aos seus concidadãos.

Se os livros de ciência o atraíam, se os estudos dos fatos memoráveis da humanidade o prendiam, outorgando-lhe a merecida qualificação de médico respeitável e abalizado historiógrafo, as Sagradas Escrituras, os Evangelhos mormente, iluminando-lhe o espírito, o elevavam e o transportavam, cheio de fé e esperança, a um mundo superior, onde uma Bondade Eterna e um Amor Infinito deixavam-lhe a alma engolfada na mais doce e inefável delícia.

Foi na Sociedade de São Vicente de Paulo que êle encontrou o ambiente propício à prática e aprimoramento das suas virtudes, principalmente aquelas mais necessárias ao cumprimento das funções de caridade: a abnegação, a prudência cristã, um amor eficaz ao próximo, o zêlo pela salvação das almas, a mansidão de coração e de palavras e o espírito de fraternidade.

Entregou-se, por isso, de corpo e alma ao seu labor vicentino, amando extremadamente êsse sodalício, essa sociedade de apostolado e de oração que lhe mereceu a dedicação de mais três quartos dos anos da sua existência terrena. Nenhuma outra sociedade lhe fazia relembrar o seu destino sublime, como cristão. Nenhuma outra lhe oferecia frutos espirituais como os que propiciava a Sociedade de São Vicente de Paulo, com o amor dos pobres e o zêlo da salvação das almas.

Nenhuma outra lhe apresentava êste espetáculo sublime: "Homens de tôdas as classes, de tôdas as posições, de tôdas as idades, de tôdas as opiniões, reunidos pelos laços sagrados de fé, aprendendo a fazer o bem sem o menor espírito de partidarismo, entrando no tugúrio do pobre, suportando as fortes impressões provocadas pelo quadro vivo da miséria e contribuindo, assim, para a difícil reconciliação do pobre com o rico, dos sofredores com os felizes do mundo."

Na Sociedade de São Vicente de Paulo "todos os seus membros se amam sem se conhecerem, entendem-se sem se terem falado, porque todos estão de acôrdo sôbre a obra-prima da vida que é, no dizer de Bossuet, a obra da salvação da alma. Quando os vicentinos se reúnem, quando visitam os pobres, os doentes, os encarcerados, êles não têm outra finalidade senão a de colocar a sua vida e os seus costumes sob a proteção da caridade, de se aperfeiçoarem pela união de orações".

Além disso, a Sociedade de São Vicente de Paulo é senhora de um tesouro inestimável de indulgências. Diversos breves e rescritos dos Santos Padres concedem-lhe indulgências plenárias e parciais, extensivas aos seus benfeitores, aos seus pobres, mães e espôsas dos confrades.

Tem ela um cardeal protetor, em Roma, designado pelo Soberano Pontífice para defender os seus interêsses junto à Santa Sé e às congregações romanas. Quando, em 1913, se comemorava em Paris o centenário do nascimento de Frederico Ozanam, o Cardeal Vanutelli, legado pontifício designado por Pio X para representá-lo nas homenagens ao principal fundador da Sociedade de São Vicente de Paulo, assim se referiu ao nosso sodalício: "Graças a tôdas as obras de fé e caridade que a Sociedade de São Vicente de Paulo concebeu, como mãe fecunda, doentes, operários, órfãos e crianças são amparados, patrocinados, nutridos, assistidos e todos salvos para a eternidade. As suas Conferências são realmente a honra e a glória dos tempos atuais. Elas figurarão na história como uma das mais prodigiosas instituições que leigos, reunidos, conceberam e realizaram. Não se explicam humanamente, são verdadeiramente obra de Deus.

A união persistente dos seus membros, dispersos por todos os pontos do universo, a integridade do seu espírito de fé, os milagres de sua caridade, a profusão dos seus donativos, os benefícios inumeráveis do seu apostolado são como uma ressurreição, sob outros aspectos, das obras cavalheirescas das idades de fé, apostas por Deus com as armas pacíficas da esmola e da dedicação sobrenatural, como uma cruzada onipotente da caridade católica, aos esforços enganadores do ateísmo, da filantropia ou da beneficência humanitária."

Pois bem, foi a essa Sociedade, de tão elevado conceito para Roma e para o mundo, que o Senhor Barão de Studart serviu durante 62 anos. (Pág. 66-68 — Raimundo Araripe.)

Na qualidade de presidente do Conselho Central e, depois, Metropolitano, o Barão de Studart estêve à frente da Sociedade de São Vicente, de Fortaleza, durante 41 anos e 11 meses.

Que soma de trabalho, dedicação e sublime idealismo!

O pendor para as letras madrugou em Guilherme Studart. Desde os 12 anos vivia aferrado aos livros. Nessa idade ingressa no Ginásio Baiano de Abílio César Borges, o conhecido educador daqueles tempos, onde se distingue pelos grandes progressos nos estudos, conquistando a medalha de ouro. O seu nome é perpetuado no quadro de honra, no qual só se gravaram nomes como os de Castro Alves, Rui Barbosa, Benício de Abreu, Sátiro Dias e outros de igual porte. Aos 16 anos já é acadêmico de Medicina. E tal era o seu mérito e valor que o Diretor do Ginásio confiou-lhe as cadeiras de Inglês, Geografia e História do Brasil.

Seu empenho maior foi, mais tarde, fundar entidades culturais e nelas tomar parte ativa. Além do Instituto do Ceará, que foi a menina dos seus olhos, em cuja revista colaborou desde o seu primeiro número, em 1887, até sua morte, em 1938, prestou seu auxílio e colaboração à Academia Cearense de Letras.

Afirma Dolor Barreira que "já naquele recuadíssimo tempo

escrevia num estilo aprumado, correto e fluente". E transcreve uma página sôbre Lourdes, que diz ser "puramente literária, na qual põe à mais robusta prova as suas indiscutíveis qualidades de escritor".

"A longa existência dêsse homem singular — escreve Paulo Bonavides — pelas extraordinárias aptidões intelectuais que reuniu é inconcussamente um exemplo de probidade mental, de larga devoção aos trabalhos da inteligência, de ardente fé na importância de suas investigações, de modelar equanimidade no trato de seus semelhantes e, sobretudo, de rara capacidade de critério científico, nunca talvez entre nós excedida."

Eram, na verdade, fora do comum as suas aptidões intelectuais. Até o terreno folclórico andou explorando. Era onímoda sua ação e, o que mais admiração causa, era desinteressado de paga o seu trabalho. Êle mesmo o confessa: "Nenhuma recompensa almejo. Basta para explicar o meu ato, o culto que dedico à verdade e o amor que o Ceará me merece; pela verdade há muito que me bato e seus triunfos me enchem de santos transportes. Pela terra do meu berço sinto-me capaz de todos os sacrifícios." (Pág. 34 — J. Saraiva Leão.)

Com o Barão de Studart findou uma existência que "deixa na inteligência brasileira o sulco imperecível de seu clarão".

O HISTORIÓGRAFO

O estudo da história, principalmente a do Ceará, foi o em que embrenhou-se de cheio, apaixonadamente, o grande homem de letras.

Capistrano de Abreu observa: "Seria interessante inquirir como Guilherme Studart, doutor em Medicina, cultor de ciências positivas, passou a quase exclusivamente consagrar-se a estudos históricos."

Tomás Pompeu Sobrinho assegura que "o material que a operosidade do Barão amassou para a construção do edifício histórico do Nordeste, oferece trabalho exaustivo para mais de uma geração de estudiosos e pesquisadores.

E veio de uma mina quase inesgotável que, pela exploração científica, relativamente pouco mais requererá para a ereção luxuosa e completa da história cearense, no período colonial e no Império. Em face dêste legado o Ceará intelectual em pêso, o Nordeste, o próprio Brasil se sentem envoltos nas malhas mais ou menos cerradas de uma grande dívida".

Mas o Barão, na sua bonomia, previne: "O Ceará nada me deve. O quase nada que por êle tenho feito e o muito que me esforçarei por fazer é o resultado tão-sòmente do intenso amor que voto à terra do meu berço, por cuja história tenho gasto, com muito prazer, meu dinheiro, tempo e saúde, sem ter recebido aliás, subsídio de qualquer espécie nem promessas de recompensas pecuniárias."

Conhecendo-lhe os méritos e a capacidade de investigador, Capistrano escrevia-lhe: "És realmente incansável, e feliz a hora em que, tendo de escolher um futuro, decidiste votar todo o teu esfôrço à Terra de Santa Cruz pouco sabida."

Escragnolle Dória informava que a história do Ceará sabia-a de cor e salteada. José Vieira Fazenda cognominou-o o Alexandre Herculano do Norte do Brasil. Chamaram-lhe outros o Thiers cearense. Rodrigues de Carvalho já fizera a devida justiça, pedindo a atenção para o portento da bagagem intelectual de Studart. Escreve Carvalho: "Tendo nas veias o sangue britânico e o sangue cearense, é um brasileiro à parte o Dr. Studart na sua vida literária, pela inteligência, equilíbrio mental e dedicação absoluta, é a revelação mais perfeita do espírito inglês: comedido e prático, e do cearense: inteligente e incansável. Isso no domínio da psique.

No do soma, herdaram-lhe também os pais os carateres das duas etnias: a estatura baixa do brasileiro, e o azul-claro, celeste, da íris e o róseo vivo da face, do anglo-saxão."

Pedro de Queiroz expressa-se com relação ao eminente historiador: "Sacudido de rara coragem cívica, amarrado nas prisões do torrão natal, devotou-se ao rasgamento da bruma que envolve os nossos dias idos, à prática da vida dos nossos avoengos, e publica as datas e fatos do Ceará desde o seu amanhecer para a história, com o seu ínclito e enérgico fundador Martim Soares Moreno, até o dia derradeiro do Império, de 1603 a 1889."

Ainda Capistrano, em carta ao Barão, enaltecia-o: "Podes te gabar de que ainda ninguém fêz tanto como tu para esclarecer aquêle período ignorado de 1600 a 1630. Nas anotações a Varnhagen tenho de citar-te a cada passo."

E mais eloqüente do que tudo isso fala a sua grande obra sôbre o Ceará e os cearenses.

Não se pode deixar no olvido um edifício cultural de tal monta, que custou a vida de um homem, tôda sua alma, todo o seu coração.

Urge divulgá-lo, pois o Barão foi um dos maiores filhos dessa gleba, o Ceará. (Pág. 35 — J. Saraiva Leão.)

Escreve Pádua Campos sôbre o Barão de Studart em "O Povo" de Fortaleza a 5-1-1956: "Garimpeiro de arquivos e alfarrábios, deixou-se empolgar pela reconstituição fiel do nosso passado. Nesse particular, sua bagagem literária pela erudição e respeito à verdade, seria suficiente para projetá-lo na galeria dos filhos imortais do Ceará e na gratidão de todos os cearenses que amam a cultura e o saber. O seu gôsto por êste ramo da ciência era de tal ordem que, por mais de uma feita, se dirigiu à Europa. Assim foi que passou o ano de 1893 em Portugal vasculhando os documentos da Tôrre do Tombo e da biblioteca de Lisboa. Daí não ser demais acentuarmos que, sem o Barão, a História do Ceará estaria privada do seu mais legítimo

e incansável narrador — rico de cultura e de todo em todo voltado para as tarefas superiores do espírito, que viriam cingir-lhe o nome de glória...

O que lhe facilitava as pesquisas era o fato de ser poliglota. Descendente de inglês, pelo lado paterno, cedo familiarizou-se com a língua de seu genitor. Dominava, além de seu idioma pátrio, com segurança o francês e o alemão." (Pág. 162.)

SUA CULTURA RELIGIOSA

Sentimo-nos sempre comovidos ao relembrarmos as palavras proferidas pelo Barão de Studart, num assomo entre júbilo e entusiasmo, em meio aos seus queridos vicentinos: "Apóstolo da verdade, apóstolo da caridade são os títulos indispensáveis com que se exorna a fronte de Ozanam, as credenciais com que penetrou no Panteão da imortalidade terrena, e o que é preferível e mais cobiçável, no Paraíso, cuja glória infinita e beleza sem par cantou e ensinou em seu verbo inspirado. Verdade e caridade feitas de afetos e de amôres por tudo o que é grande e verdadeiramente belo!"

O Barão estava perfeitamente a par da cultura científica e religiosa do seu tempo. Foi ardoroso defensor de sua religião e dos ministros de Deus.

Entre suas produções literárias há um trabalho intitulado: "Jesuítas e Jesuitismo", no qual canta os louvores e as glórias da Companhia de Jesus.

Amou destemerosamente a sua religião e a exerceu de maneira cabal num apostolado dos mais fecundos, o que corresponde perfeitamente a um modo peculiar de conceber a vida e o mundo.

Aceitando sua fé conscientemente, não há provas de que jamais tenha dela duvidado. E porque assim pensava, insistiu corajosamente através de admoestações sem reservas, como naquele dia em que, dirigindo-se à sociedade de Fortaleza, no Círculo Católico, advertia de modo incisivo:

"Mas o católico brasileiro, com raras exceções, é um soldado mofino, desculdado dos seus deveres, inerme à passagem do adversário indiferente, vivendo num alheamento incompreensível, muito calado nas suas crenças, muito tímido na defesa de suas convicções, cortejando condescendências, deixando que cresçam ao seu lado e à sua custa a heresia e a incredulidade com todo cortejo de seus malefícios e loucuras.

Se cada católico se convencesse de que é uma fôrça social e que da vontade de cada um depende muitas vêzes o triunfo da virtude, o reconhecimento da verdade, a reabilitação da família, a harmonia da sociedade, o Círculo, que é um punhado de homens de fé, coragem e boa vontade, em breve preencheria seus elevados fins, seria uma das fôrças decisivas nos destinos do nosso meio social, seria um incom-

parável elemento de progresso moral para nossa terra e um justo orgulho da Igreja Cearense."

Religião e ciência conjugam-se de modo perfeito e cabal na organização cultural do homem. A vida tôda do Barão é uma ilustração clássica para esta asserção.

... E porque o Barão foi um homem de ciência, amou a verdade; e porque amou a verdade, teve fé; e porque teve fé, acreditou nos superiores destinos humanos, porque a crença não se encontra naquela indiferença que desdenha.

A crença não está nessa obediência que desconhece a autoridade, nem no poder que solapa a natureza moral das relações humanas; não está no orgulho que humilha a necessidade ou que esquece nas sombras a dor dos semelhantes; a crença não consiste nessa ambição sem têrmos para a qual o sacrifício se torna inexpressivo ou desprezível, porque a crença brota, respira, alenta-se, cresce, agiganta-se, frutifica na poesia do Evangelho de Cristo... (Págs. 11 e ss. — J. Sobreira de Amorim.)

O título de Barão, Studart recebeu-o por um breve de Sua Santidade o Papa Leão XIII.

Foi um título nobiliárquico que o Sumo Pontífice outorgou por sua integridade de vida e costumes, pelo amor da religião, aliado ao da cultura e merecimentos por ela.

AURORA DA IMORTALIDADE

É com razão que diz Luiz Sucupira: "O Barão de Studart foi uma reprodução viva e palpitante de São Vicente de Paulo e de Frederico Ozanam em terras cearenses."

Austregésilo de Athayde chamou-lhe "um santo moderno". Pois bem. Assim como fôra agraciado em vida com um título de nobreza por Leão XIII, devido a seus merecimentos extraordinários pela causa católica, assim o Rei Eterno Jesus Cristo, que recompensa, no dizer dêle mesmo, até um copo de água dado por amor a Deus a nosso semelhante, terá concedido a seu dedicado servo a coroa da glória eterna.

E sendo a morte o espelho fiel da vida, êsse passo para a imortalidade da Pátria Eterna foi dado pelo Barão de Studart não sòmente com resignação cristã, mas positivamente com alegria espiritual, nascida de sua fé viva nas realidades maravilhosas de além-túmulo.

Foi suave, foi consolador, foi como um dia festivo e de jubilosa vitória.

(Do livro "Perfis de Grandes Médicos".)